

## ESTUDOS DOS CLÁSSICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA MODERNA

Wilma de Lara Bueno<sup>1</sup>

Estudar e ensinar História Moderna (1453-1789) foi sempre foi uma paixão para uma professora da Rede Municipal de Ensino Fundamental de Curitiba. E por quê? Porque segundo ela, *História Moderna* constitui-se um período da sociedade ocidental em que o passado, o presente e o futuro acontecem numa interligação instigante.

Este prazer teve início quando a autora começou a escrever Material para o Ensino Médio (1996) e precisou estudar profundamente este período para dominar grandes temas do mundo ocidental, como o Surgimento do Capitalismo, Renascimento, Reforma, Revolução, entre outros. À medida que alimentava um grande encantamento pela relação que esses conteúdos estabeleciam com a criação da sociedade ocidental e suas articulações com a atualidade (em que pesem as contradições), a autora foi abraçando este período como um tempo fantástico em que o medieval e o contemporâneo se entrelaçam e mantêm um profundo diálogo com a Antiguidade Clássica.

Esse tempo de escrita coincidiu com o início da docência em *História Moderna* (2004) em uma Instituição de Ensino Superior e a carga horária da disciplina, na Matriz Curricular do Curso de Graduação em História era excelente, isto é: *História Moderna I* com 80 horas; e *Moderna II* com 40 horas. Docente ainda estreante, a autora trazia consigo o conceito de que a Universidade é o espaço de produção de conhecimentos e não apenas de sua transmissão, e no campo da História, construir o conhecimento fundamenta-se no estudo de documentos/fontes históricas, a partir do qual se podem criar problemáticas para conduzir novos estudos, no exercício de interpretar, analisar, comparar os indícios e registrar os conteúdos/conhecimentos que podem ser provisórios ou ponto de partida para novas pesquisas. O que seria então trabalhar *História Moderna* a partir do uso, estudo e interpretação de fontes históricas desse período? Quais seriam as fontes disponíveis (antes do acesso do grande público às bibliotecas *online*), para um trabalho de investigação científica no período delimitado tendo como suporte o estudo das fontes históricas?

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Pedagogia e Coordenadora do Núcleo de Docentes e Pesquisadores (NDP) da Faculdade Unina.

Não faz tanto tempo que, no Brasil, as editoras se empenharam em ampliar a divulgação dos relatos dos viajantes que percorreram o chamado Novo Mundo, incluindo-se, além dele, a África e a Ásia entre os séculos XV e XVI. Alguns deles ainda são desconhecidos e, a cada dia, os estudiosos revelam um nome a mais a ser acrescentado nessa grande lista. Faz pouco tempo também que as Viagens de Marco Polo e ou as versões traduzidas das obras dos pensadores da *Idade Moderna* foram editadas para um público menos erudito e em edições mais acessíveis economicamente. Para além das facilidades que as publicações dos livros de bolso (de existência antiga para um público bem diversificado, mas também incorporada aos clássicos nas últimas décadas) trouxeram para os (as) ávidos (as) leitores (as), sobrevive uma outra inquietação: Quem, nos dias atuais, consegue disciplina e tempo para ler Dante Alighieri? Ou quem associa o conceito de Utopia à obra de Tomás Morus? Quem conhece a amizade que existia entre Tomas Morus e Erasmo de Roterdan a qual impulsionou a escrita de Elogio da Loucura? Em tempos de autoritarismo declarado, os menos informados referem-se a Maquiavel como sendo defensor dos princípios reacionários, mas quem conhece o contexto em que o autor viveu e escreveu o Príncipe (livro de cabeceira de Luís XIV) o qual se tornou uma referência para os conceitos sobre a teoria do pensamento político moderno? E ainda, na chama da diversidade dos tempos de hoje, quem poderia ler Rabelais e analisar o lugar do *Outro* no cotidiano das relações humanas e sociais? E Montaigne? Não se pode prescindir desse pensador! O que se conhece desse estudioso de sensibilidade incomparável para o modo de ser humano, demasiado humano?

Pode ser exagero, mas uma devoção aos clássicos parece ser um modo de se buscar inspirações para se traçar uma trajetória saudável e, quiçá, mais verdadeira e inspiradora para novas alternativas: quais seriam os clássicos para se pensar/inspirar o tempo presente e sugerir possibilidades transformadoras e de comprometimento com a curiosidade científica frente às inquietações atuais? Seriam os antigos? Os modernos? Os chamados Pós-Modernos?

Ítalo Calvino nos brinda com referências para se construir o conceito do que seria um clássico e orientar um pensamento sobre esse assunto:

Os clássicos são aqueles livros dos quais, se ouve dizer: 'Estou relendo...' e nunca 'Estou lendo...'. (...) Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha

lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los. (...) Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha a dizer. (...) É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não podem prescindir desse barulho de fundo. (CALVINO, 1993, p. 9-15).

O suporte reflexivo de Ítalo Calvino aos devotos dos clássicos vem acompanhado de outras referências, particularmente, daquela que, na época delimitada para essa reflexão não existiam as especialidades, sendo que os *modernos* atuavam em diferentes frentes, dialogando com as várias áreas, o que se tornou uma preocupação para a construção do conhecimento e ampliação do ensino, na perspectiva interdisciplinar nos dias atuais. Só para lembrar Leonardo da Vinci que, em seu vasto domínio e amplitude do conhecimento, atuava em campos científicos hoje distintos, pela classificação nas chamadas ciências humanas, exatas, da saúde.

Assim, as obras e os autores dessa época em estudo constituem-se parte do acervo documental para o *período chamando de Moderno*, segundo a divisão da história da sociedade ocidental, periodização/classificação essa que ainda hoje permanece, incomodando os estudiosos, apesar das críticas apontadas pela historiografia, já há algumas décadas. Desse modo, as oportunidades para ler, conhecer, estudar, escrever e falar sobre as obras clássicas, que constituem esse acervo referente a esse período, evidenciaram possibilidades metodológicas para se trabalhar *História Moderna* a partir de fontes documentais. E então como proceder metodologicamente?

Na construção da metodologia ressalva-se ainda que os procedimentos também foram alimentados por uma atraente e provocativa inspiração que veio do acesso à apresentação de uma mesa redonda, no XVII Simpósio Nacional da ANPUH: História e Utopias (São Paulo, 1993), em que docente expunha o problema de que, nas práticas acadêmicas contemporâneas, os (as) estudantes/professores geralmente, não incluem mais, em sua rotina de trabalho, a leitura de uma obra inteira - do começo ao fim - ou seja, registra-se o abandono dessa prática em função da falta do tempo, da complexidade da obra em sua versão original ou também porque os (as) estudantes não depreendem energia suficiente para ler, entender e discutir uma obra inteira. As consequências dessa limitação - de se abordar apenas capítulos, ou somente artigos de outros que escreveram sobre o *autor*, portanto, sem conhecer a obra em sua originalidade - congestionam a construção do conhecimento e o reduzem apenas à sua transmis-

são. Além disso obstaculariza o caminho do leitor ao autor/obra, desperdiçando chances das instigantes e diversificadas reações que as narrativas provocam em cada pessoa que lê.

Não se pode afirmar se, naquela ocasião, para as pessoas presentes, esta exposição tenha tocado tão profundamente quanto à autora desse ensaio. Mas o docente/conferencista evidenciava a importância de se estudar um autor ou uma obra em sua plenitude absoluta e esse deveria ser um dos compromissos dos docentes que se alinham às ciências humanas.

Assim, para unir todos esses pressupostos e para atender ao compromisso com a referida disciplina, metodologicamente, a professora e os (as) estudantes organizaram dois grandes momentos de trabalho: o primeiro, no início das atividades curriculares, nas aulas de *Moderna I*, quando para atender ao programa, estudavam-se os temas das rupturas/mudanças entre os séculos XIV, XV e XVI na Europa Ocidental e assim, foi proposto aos (às) estudantes que escolhessem um (a) autor/obra do período para elaborar um projeto de leitura. No segundo momento, ou no segundo semestre, os estudantes deveriam apresentar trabalhos na modalidade de seminários correspondentes à disciplina de *Moderna II*, cujo tema se referia aos *Pensadores Clássicos da Idade Moderna*.

Foi assim que a autora teve a alegria e o encantamento de participar e assistir às apresentações de muitos acadêmicos (as), sobre vários autores (as) e obras, entre as quais: Dante Alighieri, Maquiavel, Jan van Eyck, Tomas Morus, Erasmo de Roterdan, Lutero, Étienne de La Boétie, Montaigne, Tereza D'Ávila, Rabelais, Baldassare Castiglione, Shakespeare, Antonio Pigafetta, Camões, Cervantes, Daniel Defoe, entre muitos outros. Os (as) acadêmicos (as) escolhiam uma obra ou um autor (a), a partir da temporalidade correspondente à *História Moderna*, algumas obras já muito conhecidas; outras (os) porém, quase ignoradas (os). A metodologia consistia em ler a obra inteira, estabelecer relações entre ela, a formação do autor e o contexto/lugar onde viveu, articulando conexões com os conteúdos trabalhados ao longo do semestre, no ensino da disciplina e nas aulas programadas. Pode-se dizer que a leitura tornava-se um trabalho contínuo, enquanto ocorriam as aulas e os resultados deveriam ser efetivados somente no final do segundo semestre.

O significado dessa experiência de trabalho compreendia um conjunto de exercícios intelectuais, tais como o domínio da leitura de uma obra inteira (ler

uma obra do começo ao fim, desvelando a semântica das palavras); a construção do perfil do autor e o tempo em que viveu; o registro das sínteses; as possibilidades de se traçar problemáticas a partir do estudo da obra; a elaboração da apresentação em que se construíam os argumentos para se fundamentar a escolha das ideias do autor/obra.

Nesse sentido, os (as) acadêmicos (as) somaram habilidades, experiências e conhecimentos que contribuíram para a autonomia intelectual, ao preparar a exposição para um grande público; favoreceram as pesquisas, algumas das quais se tornaram belíssimos trabalhos de conclusão de curso, bem como deram sustentação para estudos posteriores em Projetos de Pós-Graduação. Foi muito enriquecedor perceber que eles também liam com prazer e se encantavam com autores e obras escolhidas; ou seja, quase deixava de ser um árduo trabalho para tornar-se uma atividade prazerosa. Reitera-se que os clássicos do período denominado *História Moderna* pertenciam a um campo interdisciplinar, uma vez que eram pensadores, artistas, teólogos, cientistas, físicos, engenheiros, entre outras especialidades que foram instituídas no mundo contemporâneo, particularmente, a partir do século XIX. Ressalta-se ainda, que os(as) estudantes eram trabalhadores(as) inscritos no Curso de História ofertado no período noturno e só dispunham dos fins de semana para essa atividade. De modo que, o brilho no olhar dos acadêmicos e acadêmicas, no momento das apresentações (na época, sem ajuda das plataformas tecnológicas atuais), a alegria, disfarçada pelo formalismo exigido pela academia, deixava entrever que a dedicação atenta à leitura tinha atingido seu propósito: além do domínio do conteúdo, da conquista no uso das ferramentas para tal investidura, ela (a leitura) se tornara a companheira para uma escolha de vida em que os clássicos têm um lugar consagrado. E assim, afirmar, como sugere Calvino *estou relendo* Cervantes pela terceira vez.

## REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.